



Arte em Cores Sonoras: A Tradução da Música nas Artes Visuais Reflexões sobre Debussy e suas Poesias Musicais

Art in Sonorous Colors: Translating Music into Visual Arts—Reflections on Debussy and His Musical Poetry

Kesy Marino Valverde Gonçalves de Vasconcelos

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar as possibilidades de tradução da música de Claude Debussy para as artes visuais, com ênfase nos aspectos poéticos e atmosféricos de sua obra. A metodologia adotada consistiu em revisão bibliográfica narrativa, análise de obras, apoiada em critérios de inclusão de fontes acadêmicas e articulação intersemiótica. O estudo situa-se no diálogo entre música e artes visuais, partindo da hipótese de que a música debussiana 'produz' imagens e atmosferas comparáveis a manchas cromáticas e texturas pictóricas. Contextualiza-se esse argumento a partir das tradições do impressionismo e do simbolismo literário, da noção de sinestesia como síntese sensorial e das práticas de artistas como Whistler, que nomeou obras com termos musicais. A análise identifica elementos harmônicos, tímbricos e formais que favorecem a construção de 'paisagens sonoras' capazes de evocar cores, luzes e estados de espírito, sem reduzir a música à mera ilustração pictórica. O trabalho conclui que a tradução intersemiótica entre som e imagem amplia a compreensão estética sem comprometer a autonomia musical.

Palavras-chave: artes visuais; cores sonoras; música; Debussy; poesias musicais.

Abstract: This study aimed to analyze the possibilities of translating Claude Debussy's music into visual arts, emphasizing the poetic and atmospheric aspects of his work. The methodology consisted of a narrative literature review and an analysis of works, guided by inclusion criteria for academic sources and an intersemiotic approach. The study explores the dialogue between music and visual arts, based on the hypothesis that Debussy's music "produces" images and atmospheres comparable to patches of color and painterly textures. This argument is contextualized through the traditions of Impressionism and literary Symbolism, the notion of synesthesia as sensory synthesis, and the practices of artists such as Whistler, who used musical terms to title his works. The analysis identifies harmonic, timbral, and formal elements that support the construction of "soundscapes" capable of evoking colors, light, and moods without reducing music to mere pictorial illustration. The study concludes that intersemiotic translation between sound and image broadens aesthetic understanding without compromising musical autonomy.

Keywords: visual arts; sonorous colors; music; Debussy; musical poetry.

INTRODUÇÃO

A arte, em suas múltiplas manifestações, busca estabelecer diálogos entre diferentes linguagens em diferentes eras. Por consequência, criou pontes que permitem ao ser humano ampliar sua percepção estética e sensibilidade do mundo. A música, de maneira específica, sob a perspectiva do recorte deste artigo, ocupa

um lugar privilegiado nesse processo devido à sua natureza. Sua natureza imaterial e atemporal abre espaço para interpretações que transcendem o campo sonoro e permite projetar em outras dimensões da experiência artística. Assim, o diálogo entre pintura e música passa a ser não apenas uma metáfora, mas uma prática estética que se manifesta na temporalidade da história da arte. Dessa maneira, abrem espaço para novas formas de criação e reflexão (Emanuel, 2015).

Nessa ótica, Claude Debussy (1862-1918), compositor francês, ao romper com os padrões rígidos da tradição romântica¹ e ao propor uma música marcada pela fluidez, pela sugestão e pela atmosfera poética, tornou-se um dos principais expoentes dessa busca por novas formas de expressão. Sua obra, frequentemente associada ao impressionismo², mas também profundamente ligada ao simbolismo literário³, revela um esforço constante de traduzir em sons aquilo que pertence ao universo das imagens, das cores e das sensações.

Diante disso, o campo da sinestesia, entendido como síntese de sentidos, assume papel importante para pensar a música como imagem (Xiong *et al.*, 2015). Nesse sentido, pensar a música de Debussy, como poesia sonora e como experiência estética que pode ser transposta para as artes visuais, torna-se um exercício que se insere no campo da interdisciplinaridade e da tradução intersemiótica. Destarte, a tradução entre sistemas de signos distintos não se torna apenas possível, mas necessária para ampliar o alcance da comunicação humana (Jakobson, 2008).

Desse modo, a interdisciplinaridade das obras de Debussy permitiu que ele fosse descrito como ‘poeta sonhador’ (Gilman, 1906), por sua atmosfera lírica em suas composições, e ‘pintor de sons’ (Walsh, 2018), pela ideia de que sua música se aproxima da pintura impressionista ao criar paisagens sonoras que evocam imagens e cores. Suas peças para piano apresentam um processo de construção de ‘imagens musicais’ que dialogam com o universo visual de quem ouve suas músicas (Roberts, 2003). Isso confirma a pertinência de relacionar suas criações como tradução estética entre linguagens

1 Movimento estético e musical predominante no século XIX, caracterizado pelo rigor das formas clássicas (como a forma-sonata), pela hierarquia do sistema tonal funcional (baseado em ciclos de tensão e resolução) e pela busca de uma narrativa dramática e heroica na composição. Na tradição romântica, a música frequentemente assume um caráter declarativo e emocionalmente denso, em oposição à estética da sugestão e da fluidez atmosférica proposta posteriormente por Debussy

2 Termo transposto das artes visuais – especificamente a partir da obra de Claude Monet – para a música, caracterizando-se pela priorização da atmosfera e do timbre em detrimento das estruturas melódicas e rítmicas tradicionais. Na estética de Debussy, o impressionismo manifesta-se através de ‘manchas’ sonoras e harmonias que buscam captar a fugacidade da luz e das sensações sensoriais imediatas, assemelhando-se à técnica pictórica de dissolução dos contornos.

3 Movimento literário francês, cujos expoentes como Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine e Charles Baudelaire influenciaram diretamente a rítmica e a sonoridade de Debussy. O simbolismo musical rejeita a descrição direta e realista, privilegiando a sugestão, a metáfora e o mistério. A música é tratada como um meio para evocar estados de alma e essências poéticas, onde o som atua como um símbolo para sensações que transcendem a linguagem verbal.

A música tem esse poder de evocar atmosferas e imagens e abrir espaço para que o olhar do artista visual encontre correspondências cromáticas, formais e simbólicas. Kandinsky (1912) explorava a espiritualidade na arte e já destacava que som e cor possuem uma essência comum, capaz de despertar emoções semelhantes. Essa perspectiva reforça a pertinência de investigar como a obra de Debussy pode ser reinterpretada em termos visuais, o que revela conexões entre audição e visão.

Por esse motivo, nota-se que a aproximação entre música e artes visuais não se limita a Debussy, mas encontra paralelo em outros artistas e movimentos, como, por exemplo, James McNeill Whistler (1834–1903), pintor norte-americano radicado na Europa, centro do movimento esteticista. Sua busca pela autonomia da cor e da tonalidade visava evocar uma resposta emocional pura, aproximando a experiência visual da abstração inerente à música. Whistler rompeu com a tradição narrativa da pintura vitoriana ao intitular suas obras com terminologias musicais, como ‘Sinfonias’, ‘Noturno’, ‘Arranjos’ e ‘Harmonias’.

Esse fato marca a antecipação do diálogo intersemiótico proposto por Debussy (Farr, 1974). Esse diálogo traz robustez à ideia de que a pintura pode ser compreendida como tradução de atmosferas musicais. Debussy buscava ir ‘além da música’, ao evocar imagens plásticas em seu pensamento estético (Byrnside, 1980). Nesse sentido, Debussy insere-se em uma tradição mais ampla, na qual música e artes visuais se entrelaçam para criar novas formas de expressão. Surge, então, ‘o impressionismo musical’ para conceituar essa tentativa de traduzir em sons os efeitos visuais da pintura impressionista (Byrnside, 1980).

Para tanto, a justificativa para este estudo reside na relevância de compreender a arte como fenômeno integral, capaz de mobilizar múltiplos sentidos e dimensões da percepção. Diante desse panorama, o problema que orienta esta investigação pode ser formulado da seguinte maneira: de que maneira a música de Claude Debussy, marcada por sua magnitude poética e atmosférica, pode ser traduzida e reinterpretada nas artes visuais, revelando conexões entre som, cor e imagem? Essa questão não se limita a um exercício de transposição formal, mas envolve uma reflexão sobre os fundamentos da estética, da percepção e da interdisciplinaridade. Ressalta-se aqui que o diálogo de Debussy também com o cinema mostra que sua obra se abre para múltiplas formas de tradução e interpretação (Smith, 1973).

O objetivo geral deste trabalho é analisar as possibilidades de tradução da música de Debussy para as artes visuais, destacando os aspectos poéticos e atmosféricos que caracterizam sua obra e suas relações com a estética interdisciplinar. Para alcançar esse propósito, discutiram-se os fundamentos teóricos que sustentam a relação entre música e artes visuais com os seguintes objetivos específicos: i) estabelecer a relação entre música e artes visuais; ii) relacionar a característica estética da obra de Debussy; iii) apresentar reflexões sobre a aplicação prática da relação entre música e artes visuais.

A presente pesquisa adotou como procedimento inicial uma revisão bibliográfica narrativa, por se tratar de um estudo que busca integrar diferentes perspectivas teóricas e artísticas em torno da obra de Claude Debussy e sua

relação com as artes visuais. A revisão narrativa foi escolhida porque permite maior flexibilidade na seleção e análise das fontes, o que possibilita a construção de uma argumentação crítica e interpretativa (Lakatos; Marconi, 2017). Segundo Gil (2008), esse tipo de revisão é adequado quando o objetivo é oferecer uma visão abrangente sobre determinado tema, sem a necessidade de seguir protocolos rígidos como ocorre nas revisões sistemáticas.

Os autores e textos foram buscados em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Scopus, Web of Science e ERIC (Education Resources Information Center), e com o auxílio do Google Scholar, como ferramenta de busca. Essas bases foram escolhidas por sua abrangência internacional e pela confiabilidade das publicações indexadas, garantindo acesso a artigos científicos, livros e capítulos relevantes para o tema. O intervalo temporal não foi limitado, visto que o tema percorre a análise de autores relevantes também do século XX.

Os critérios de inclusão e exclusão se fizeram da seguinte maneira:

- **Inclusão:** textos publicados em periódicos acadêmicos ou livros reconhecidos que abordem diretamente a obra de Debussy, o impressionismo musical, a relação entre música e artes visuais, ou conceitos de sinestesia e tradução intersemiótica. Foram incluídos trabalhos publicados também em inglês, entre o século XX e a atualidade, desde que apresentassem relevância para a discussão estética e interdisciplinar.
- **Exclusão:** materiais sem revisão por pares, textos opinativos sem fundamentação acadêmica, publicações duplicadas em diferentes bases e estudos que não apresentassem relação direta com o tema central da pesquisa.

Para ampliar o alcance da busca, foram utilizadas palavras-chave em inglês, de acordo com a terminologia mais recorrente na literatura internacional: *'Claude Debussy'*; *'impressionist music'*; *'Music' AND 'visual arts'*; *'synesthesia in art'*; *'intersemiotic translation'*; *'symbolism and music'*; *'Debussy' AND 'painting'*. Essas palavras-chave foram combinadas em diferentes estratégias de busca, com o uso de operadores booleanos (AND, OR) para refinar os resultados e garantir maior precisão na seleção das fontes. Após a revisão bibliográfica narrativa, o segundo momento da pesquisa consistiu na análise da obra de Claude Debussy quanto à alusão às imagens. Especialmente, buscaram-se autores que analisaram os Noturnos, pela proximidade às artes visuais das obras de Whistler. Essa etapa foi estruturada em três momentos (Quadro 1)

Quadro 1 - Estrutura da segunda etapa da pesquisa.

Etapas	Descrição
1. Seleção das obras	- Foram escolhidos autores que analisaram composições representativas da estética debussiana, como os Noturnos e peças para piano (Clair de Lune, Estampes, Images), por sua relevância na evocação de atmosferas poéticas e visuais. - A seleção considerou obras que evidenciam a dissolução das formas tradicionais e a valorização da sugestão, características centrais da estética impressionista.
2. Análise	- Identificação de elementos musicais que evocam imagens e cores, como o uso de escalas modais, harmonias paralelas, timbres e dinâmicas sutis. - Observação da construção de atmosferas sonoras que se aproximam da pintura impressionista, privilegiando a sensação imediata sobre a narrativa linear. - Interpretação da música como paisagem cromática, em que cada nota pode ser compreendida como cor e cada acorde como pincelada.
3. Articulação com as artes visuais e literatura	- Estabelecimento de paralelos entre a música de Debussy e a pintura impressionista de Claude Monet, destacando a correspondência entre a dissolução das formas e a valorização da luz e da cor. - Relação com o simbolismo literário e a poesia da obra debussiana. - Reflexão sobre a inserção da música de Debussy em práticas interdisciplinares, como o cinema e as artes multimídia, ampliando sua relevância para a modernidade e para o contexto contemporâneo.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Esse processo de análise permitiu articular música e artes visuais em uma perspectiva interdisciplinar, como auxílio à compreensão de que a obra de Debussy pode ser vista como tradução estética entre linguagens. A metodologia adotada, ao integrar revisão narrativa, buscas de documentos de análise musical e comparação com outras artes, visa à coerência entre os objetivos da pesquisa e os procedimentos utilizados. Por fim, foram selecionados 12 artigos (Quadro 2).

Quadro 2 - Obras selecionadas e achados pertinentes.

Barbosa (2009)
Debussy concebeu a música como linguagem capaz de dialogar com outras artes, especialmente a pintura e a literatura. Sua estética ultrapassa os limites sonoros e busca criar atmosferas visuais e poéticas. Debussy se inspirou em recursos plásticos, cor, luz e textura para construir sua linguagem musical. Assim, sua obra pode ser entendida como uma 'pintura em som', em que timbres e harmonias funcionam como pinceladas. A música debussyana não é descrita diretamente, mas evoca imagens e estados de espírito, aproximando-se da poesia e da pintura simbolista. Embora dialogasse com outras artes, Debussy defendia que a música deveria preservar sua autonomia e preferia que sua obra fosse entendida como linguagem própria, ainda que permeada por influências estéticas externas.

Byrnside (1980)
Conceituação de impressionismo. Enfatiza que o 'impressionismo musical' foi muitas vezes usado de forma pejorativa, indicando falta de estrutura ou clareza. Ao mesmo tempo, outros críticos viam na expressão uma maneira de considerar a inovação estética de Debussy e seus contemporâneos. Debussy e a resistência ao rótulo
Code (2017)
Noturnos são como uma obra que encarna a busca de Debussy pela modernidade, explorando novas formas de discurso musical que rompem com estruturas tradicionais. O autor enfatiza que Debussy manipula o tempo musical de modo não linear, criando atmosferas fluidas e fragmentadas. Essa abordagem desloca o foco da formação para a experiência subjetiva do ouvinte. Debussy dialoga com correntes literárias e artísticas modernas, especialmente o simbolismo, aproximando sua música de práticas estéticas que valorizam sugestão e ambiguidade. Os Noturnos exigem uma escuta diferenciada, voltada para nuances e atmosferas, em vez de narrativas musicais lineares. Essa mudança de paradigma contribui para uma redefinição da experiência musical moderna. Amplia a compreensão da posição de Debussy dentro do modernismo europeu, mostrando que sua obra não reflete apenas mudanças culturais, mas também propõe novas formas de construção discursiva na música.
Farr (1974)
Whistler não via a pintura como uma arte isolada. Ao nomear suas obras como Noturnos, Sinfonias ou Arranjos, ele buscava uma equivalência estética com a música, mostrando que a pintura poderia evocar atmosferas sonoras e emocionais. Diálogo com a poesia simbolista, que se reflete em Whistler, que prefere transmitir estados de espírito e sensações, em vez de narrativas visuais explícitas. Whistler se inspirou em estruturas musicais para organizar suas composições visuais. Assim como uma sinfonia se construiu em movimentos e harmonias, suas pinturas buscaram equilíbrio tonal e ritmo visual. Whistler foi um elo entre diferentes linguagens artísticas, antecipando uma visão moderna de arte como experiência sensorial total. Sua obra contribuiu para a ideia de que pintura, música e poesia pudessem dialogar em um mesmo campo simbólico.
Gilman (1906)
Gilman apresenta Debussy não apenas como compositor, mas como uma figura que traduz em música o imaginário poético e onírico. Sua obra é vista como uma extensão da sensibilidade simbolista, marcada pela sugestão e pela evocação de atmosferas. Debussy se distancia das formas clássicas e da lógica estrutural, preferindo criar 'paisagens sonoras' fluidas. Essa escolha reforça sua postura modernista, em que a música se aproxima da poesia e da pintura pela capacidade de sugerir estados de espírito. Debussy compartilha com os poetas simbolistas a busca por uma arte que não descreve diretamente, mas insinua e evoca. A música torna-se linguagem de mistério e sonho, capaz de transcender o racional. Embora dialogasse com literatura e artes visuais, Debussy preservou a autonomia da música. Gilman mostra que sua obra não é mera tradução de outras linguagens, mas uma criação independente que alimenta atmosferas culturais.

Palmer (1969)

Debussy foi uma evolução de transformações musicais que impactaram diretamente Delius e Vaughan Williams, criando um espaço de diálogo estético entre França e Inglaterra. Essa relação evidencia como a modernidade musical se construiu em rede, a partir de trocas culturais e estilísticas que ultrapassaram as fronteiras nacionais.

Debussy exerceu papel central na formação estética de Frederick Delius e Ralph Vaughan Williams, funcionando como evolução de transformações musicais que marcaram o início do século XX.

O autor observa que Delius compartilha com Debussy a busca por atmosferas sonoras e núcleos orquestrais, aproximando sua música de uma sensibilidade impressionista voltada para a sugestão poética. Vaughan Williams, por sua vez, assimilou elementos da linguagem debussyana, sobretudo na manipulação do tempo musical e na criação de 'paisagens sonoras', o que foi decisivo para a consolidação de uma identidade modernista inglesa.

Roberts (2003)

O piano foi o laboratório sonoro onde Debussy experimentou novas harmonias, texturas e formas, transformando o instrumento em espaço de inovação estética.

Debussy concebeu suas peças como 'imagens sonoras' e cada obra pianística funciona como uma 'pintura em som', marcada pela sugestão, pela cor harmônica e pela evocação poética.

Debussy expandiu as possibilidades do piano, explorando pedais, ressonâncias e articulações para criar atmosferas inéditas. Essa abordagem aproxima sua música da pintura impressionista, mas preserva sua autonomia musical.

Debussy dialoga com literatura e artes visuais, mas sem se reduzir a elas. O piano torna-se meio de expressão de um imaginário poético e plástico, em que som e imagem se fundem.

Stefanescu (2018)

A noite é retratada como espaço simbólico de mistério, introspecção e sonho. Na música, pode ser traduzida em atmosferas sonoras que sugerem silêncio, suspensão temporal e estados emocionais profundos.

O gênero Noturno apresenta características recorrentes: texturas fluidas e delicadas, que evocam o ambiente crepuscular; harmonia ambígua, com cromatismos e modos que criam sensação de indefinição; ritmos lentos ou suspensos, reforçando a ideia de tempo dilatado; orquestração 'colorística', aproximando-se da pintura e da poesia simbolista.

Smith (1973)

A estética musical de Debussy dialoga com o desenvolvimento do cinema no início do século XX. O compositor é visto como alguém que, mesmo sem escrever diretamente para filmes, antecipou sons que seriam fundamentais para a linguagem cinematográfica.

A música de Debussy, marcada pela ambiguidade harmônica e pela fluidez temporal, cria atmosferas que se aproximam da experiência cinematográfica. Assim como o cinema, sua obra sugere mais do que descreve, convidando o público a uma recepção sensorial e imaginativa.

Debussy rompe com a linearidade narrativa tradicional, preferindo estruturas abertas e fragmentadas. Essa característica aproxima sua música da montagem cinematográfica, em que a justaposição de imagens cria significados novos.

Thomson (2024)

Debussy é frequentemente associado ao impressionismo, mas Thomson ressalta que essa ligação é simplista. O compositor mantinha independência estética, evitando associações diretas com pintores impressionistas franceses. Artistas e críticos anglófonos desenvolvidos para moldar a recepção e a concepção dos Noturnos. A literatura e a pintura britânica e norte-americana forneceram paralelos estéticos que enriqueceram a interpretação da obra. Debussy se inspirou em diferentes formas de arte, mas com cautela, evitando reduções simplistas. A relação entre música e pintura é explorada, destacando como metáforas visuais ajudaram a construir a atmosfera dos Noturnos. Resistência ao rótulo impressionista por parte de Debussy, que via o impressionismo como 'subversivo' e 'sem forma', preferindo manter sua música como expressão autônoma.

Walsh (2018)

Debussy coloca a música como o verdadeiro fio condutor da sua vida. As obras são comprovadas como expressão direta de sua vida intelectual e estética. Debussy trabalhou com a música como um pintor com suas cores, explorando timbres e texturas para criar atmosferas sonoras. Essa abordagem reforça a analogia entre música e artes visuais, mas sem reduzir sua obra a mera tradução pictórica. Debussy levou a música francesa a 'novas regiões de beleza e motivação', rompendo com tradições que ameaçavam sufocar a criatividade. Sua estética modernista é apreendida como uma reinvenção da linguagem musical, capaz de dialogar com o simbolismo e com a pintura impressionista, mas mantendo a independência.

Xiong et al. (2015)

A sinestesia de sentidos sintéticos com interação emocional é fundamental na criatividade artística. A origem da sinestesia está relacionada a causas-raiz perceptivas, que podem ser identificadas e exploradas. A integração de ciência, arte e tecnologia promete expandir as possibilidades de expressão e compreensão sensorial na arte futura.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Este estudo, portanto, não se limita a uma análise da obra de Debussy, mas busca situá-la em um contexto mais amplo, no qual a arte é compreendida como experiência sensível e como campo de diálogo entre diferentes linguagens. Ao refletir sobre a tradução da música para as artes visuais, pretende-se contribuir para a valorização da interdisciplinaridade no campo acadêmico e artístico e, assim, oferecer subsídios teóricos e práticos para que futuros pesquisadores e criadores possam explorar novas formas de expressão. Trata-se, em última instância, de reafirmar o poder da arte como espaço de encontro entre som e imagem, entre poesia e pintura, entre música e cor, um espaço em que a obra de Debussy se revela como fonte de inspiração e reflexão.

Assim, organizou-se as seções da seguinte maneira: esta introdução, que apresenta a contextualização do tema, a problematização; os objetivos geral e específicos e a metodologia; o desenvolvimento do trabalho com o tema 'A Arte em Cores Sonoras', que aborda a relação da música com as artes visuais e as obras de Debussy; os resultados e discussão do tema com os autores que nortearam este estudo; a conclusão e, por fim, as referências bibliográficas.

ARTES EM CORES SONORAS

A relação entre música e artes visuais, especialmente no contexto da obra de Debussy, constitui um campo de investigação que ultrapassa os limites disciplinares tradicionais. Ao longo da história, pensadores e artistas, como os exemplos do Quadro 3, buscaram compreender como sons podem evocar imagens, cores e atmosferas, e como a pintura e outras artes visuais podem dialogar com a música (Palmer, 1969).

Quadro 3 - Obras selecionadas e achados pertinentes.

Autores	Pesquisas
Vassily Kandinsky	Pintor russo e um dos pioneiros da arte abstrata, era sinestésico e acreditava que as cores tinham correspondências diretas com notas e instrumentos musicais. Ele detalhou essas teorias em seu famoso ensaio 'Do Espiritual na Arte'.
Alexander Scriabin	Compositor e pianista russo que criou o 'teclado de luz' para sua sinfonia Prometeu: O Poema do Fogo. Desenvolveu uma tabela de correspondências onde cada tom musical correspondia a uma cor específica.
Isaac Newton	Em seu livro Opticks (1704), o físico propôs uma analogia entre o espectro das sete cores da luz e as sete notas da escala musical diatônica.
Johann Wolfgang von Goethe	Pensador alemão investigou os efeitos psicológicos e emocionais das cores, traçando paralelos com a harmonia musical em sua obra Teoria das Cores (1810).
James McNeill Whistler	Pintor norte-americano que nomeava suas obras com termos musicais, como 'Sinfonia em Branco' ou 'Noturno', buscando transmitir ritmos e atmosferas sonoras através de suas telas

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Esse movimento se intensifica na modernidade, quando a interdisciplinaridade passa a ser valorizada como forma de ampliar a experiência estética. Debussy, em particular, emerge como figura central nesse processo com o uso da escala hexatonal, ou escala de tons inteiros, e revela em sua obra uma busca constante por atmosferas poéticas que se aproximam da pintura impressionista e do simbolismo literário (Code, 2017; Gilman, 1906; Roberts, 2003). Por isso, a música pianística de Debussy foi recebida como ruptura estética, que bem sintetiza sua busca por atmosferas e pela sugestão, em oposição à narrativa linear tradicional (Code, 2017; Smith, 1973; Walsh, 2018).

Assim, a música debussyana é apresentada como ‘visual em som’ (Barbosa, 2009; Gilman, 1906; Palmer, 1969; Smith, 1973; Walsh, 2018), pois explora timbres e núcleos orquestrais de modo semelhante ao uso da luz e da sombra no cinema. Essa plasticidade corrobora a ideia de Debussy como precursor de uma estética audiovisual.

A Relação entre Música e Artes Visuais

A música e as artes visuais constituem duas das mais antigas formas de expressão humana, ambas enraizadas na necessidade de comunicar emoções, ideias e experiências sensoriais. Desde os rituais primitivos até as manifestações artísticas contemporâneas, essas linguagens têm desempenhado papel essencial na formação cultural e na construção de identidades coletivas. A música, por sua natureza temporal e imaterial, mobiliza o corpo e a memória e cria atmosferas que transcendem o instante da escuta. As artes visuais, por sua materialidade e permanência, oferecem imagens que se fixam no olhar e se tornam símbolos duradouros da experiência estética.

Nesta sociedade, marcada pela velocidade da informação e pela multiplicidade de estímulos, música e artes visuais continuam a exercer influência decisiva sobre os indivíduos. Elas não apenas moldam sensibilidades, mas também funcionam como espaços de resistência e de criação de sentido em meio à fragmentação contemporânea. Neste contexto, insere-se o conceito de sinestesia, o qual é entendido como síntese de sentidos, revelando que a experiência estética não se limita a um único canal perceptivo, mas se constrói na interseção entre som, cor e forma (Xiong *et al.*, 2015). Essa perspectiva é particularmente relevante em um contexto em que a arte busca cada vez mais integrar linguagens, pois cria experiências imersivas que mobilizam múltiplos sentidos.

A música de Debussy encaixa-se no universo interdisciplinar ao propor uma escuta que é, ao mesmo tempo, visual e poética, que pode ser descrita como um ‘pintor em sons’ (Walsh, 2018), sublinhando a capacidade de sua obra de evocar imagens e atmosferas cromáticas (Barbosa, 2009; Gilman, 1906; Palmer, 1969; Smith, 1973; Walsh, 2018). As peças para piano de Debussy constroem paisagens sonoras que dialogam diretamente com o universo visual. As escalas de tons inteiros, sem resolução (sensível > tônica) formal, trazem efeito ‘flutuante’, ‘sonhador’, o que confirma a pertinência de pensar sua obra como tradução estética entre linguagens (Roberts, 2003).

Isso posto, entende-se que o diálogo entre pintura e som não é apenas uma metáfora, mas uma prática estética que se manifesta em diferentes momentos da história da arte, além de abrir espaço para novas formas de criação e reflexão. Essa relação entre música e artes visuais não se limita ao campo da estética, mas possui implicações sociais e culturais, seja com a poesia, como é o caso de Whistles, a música e o simbolismo (Farr, 1974) ou com sua tradução das atmosferas musicais de Debussy.

Assim, compreende-se que a música deixa de ser mero entretenimento e passa a exercer influência profunda sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Sua relação com as artes torna-se uma experiência que mobiliza afetos, constrói identidades e amplia percepções. A arte de Debussy, portanto, pode ser vista como um fenômeno integral, capaz de traduzir sons em imagens e imagens em sons, criando um espaço de encontro entre linguagens que se enriquecem mutuamente.

As Obras de Debussy

Debussy ocupa um lugar singular na história da música, não apenas por sua ruptura com os modelos tradicionais do romantismo, mas também pela forma como se aproxima de outras linguagens artísticas, especialmente a pintura e a literatura. Sua estética é marcada pela valorização da sugestão em detrimento da afirmação explícita (Code, 2017; Gilman, 1906; Roberts, 2003). Nesse sentido, Debussy pode ser compreendido como um artista que concebeu a música como experiência sensorial ampliada, capaz de evocar imagens, cores e estados emocionais (Farr, 1974; Gilman, 1906; Palmer, 1969; Roberts, 2003; Stefanescu, 2018; Xiong *et al.*, 2015).

Essa interdisciplinaridade é também observada por Thomson (2024), que discute as contribuições em língua inglesa para a gênese dos Noturnos de Debussy, que mostra como o compositor se apropriou de referências literárias e visuais para construir sua linguagem musical. Para Code (2017), a modernidade de Debussy se revela na forma como ele manipula o tempo e o discurso musical, quando rompe com linearidades tradicionais e se aproxima da fragmentação visual característica das artes plásticas, enquanto, para Stefanescu (2018), o imaginário noturno na construção de atmosferas. A estética de Debussy não se limita ao campo musical, mas dialoga com uma tradição mais ampla de integração entre artes (Palmer, 1969), pois buscava ir além da música, em busca de experiências subjetivas (Barbosa, 2009).

Assim, as características estéticas da obra de Debussy podem ser sintetizadas em três dimensões principais: i) poética, marcada pela evocação de atmosferas e imagens; ii) interdisciplinar, que aproxima sua música das artes visuais e literárias; e iii) modernista, que rompe com linearidades tradicionais e se abre para novas formas de expressão. Essas dimensões confirmam que Debussy não apenas criou sons, mas também cores e imagens, tornando sua obra fonte inesgotável de inspiração para reflexões sobre a tradução da música nas artes visuais (Quadro 4).

Quadro 4 - Características estéticas da obra de Claude Debussy.

Dimensão	Descrição	Autores de Referência
Poética	A música de Debussy é marcada pela evocação de atmosferas, imagens e estados emocionais, aproximando-se da poesia simbolista e da literatura. Sua obra privilegia a sugestão em vez da afirmação explícita, criando paisagens sonoras que se abrem ao imaginário.	Gilman (1906); Walsh (2018); Ștefanescu (2018)

Dimensão	Descrição	Autores de Referência
Interdisciplinar	Debussy aproxima sua música das artes visuais e literárias, dialogando com a pintura impressionista, o simbolismo e até o cinema. Sua estética revela uma abertura para múltiplas formas de tradução e interpretação, indo 'além da música'.	Roberts (2003); Thompson (2024); Barbosa (2009); Smith (1973)
Modernista	A obra de Debussy rompe com linearidades tradicionais, explorando novas formas de tempo e discurso musical. Essa fragmentação aproxima sua estética da modernidade plástica e literária, inserindo-a em um contexto de inovação artística.	Byrnside (1980); Code (2017); Palmer (1969)

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Os Noturnos de Debussy vão além do impressionismo francês, pois tornam-se uma obra complexa que transcende a música, pois alcança a literatura e as artes visuais, porém com a estética própria do compositor (Thompson, 2024). O intimismo relacionado às noites francesas trabalha uma metáfora narrativa das atmosferas sensoriais de maneira inovadora à música (Stefanescu, 2018). Seu apelo visual poético também alcançou a dança (balé), com movimentos fluidos.

Debussy: o Pintor em Sons

Associa-se Debussy ao impressionismo, não apenas pela proximidade temporal com esse movimento, mas sobretudo pela forma como sua música dialoga com a pintura impressionista, em especial com a obra de Monet (Byrnside, 1980). Ambos os artistas partilhavam uma sensibilidade voltada para a sugestão, para a dissolução das formas rígidas e para a valorização da percepção imediata. Enquanto Monet buscava captar a fugacidade da luz e das cores em suas telas, Debussy procurava traduzir em sons a mesma experiência efêmera. Essa correspondência entre música e pintura revela que o impressionismo não se limitou a uma técnica visual, mas constituiu uma estética da sensação, capaz de atravessar diferentes linguagens artísticas.

Roberts (2003), ao analisar as peças pianísticas de Debussy, mostra como cada nota pode ser entendida como uma cor e cada acorde como uma pincelada, confirmando a pertinência dessa analogia. A música de Debussy, assim como as telas de Monet, privilegia a sugestão sobre a representação literal, convidando o público a mergulhar em atmosferas sensoriais que se constroem na percepção subjetiva.

Tanto Debussy como Monet buscavam traduzir o efêmero, seja em sons ou em cores, e ofereceram ao público uma experiência estética que privilegia a sensação imediata sobre a narrativa linear. Ao aproximar música e pintura, Debussy reafirma sua posição como artista interdisciplinar, capaz de transformar o som em imagem e a imagem em som (Walsh, 2018).

Reflexões sobre a Aplicação Prática da Relação Música e Artes Visuais

A relação entre música e artes visuais, tão presente na obra de Debussy, não se limita ao campo teórico ou à análise estética, mas encontra desdobramentos práticos que se manifestam em diferentes contextos artísticos e pedagógicos. A interdisciplinaridade, nesse sentido, não é apenas uma possibilidade de diálogo entre linguagens, mas uma estratégia de criação e de formação sensível que amplia os horizontes da experiência estética.

A prática artística já se constituía como espaço de integração entre linguagens (Farr, 1974). A expressão visual da música, no caso de Debussy, evoca imagens plásticas no pensamento estético, o que abre espaço para que sua obra seja reinterpretada em produções visuais contemporâneas (Barbora, 2009). Da mesma maneira, o imaginário noturno evidencia que a música pode ser compreendida como construção de atmosferas que se aproximam da pintura simbólica e da literatura, reforçando a ideia de que a obra de Debussy é fonte de inspiração para diferentes linguagens (Stefanescu, 2018).

Isso mostra que a relação de Debussy com o cinema antecipou práticas interdisciplinares que se tornariam centrais no século XX, confirmando sua relevância para pensar a arte como campo expandido (Smith, 1973). Debussy, ao compor suas poesias musicais, construiu uma obra diferente de tudo o que já se tinha ouvido e abriu caminhos para que a arte se tornasse espaço de encontro entre som e imagem (Quadro 5).

Quadro 5 - Aplicação da relação entre música e artes visuais em múltiplos âmbitos.

Âmbito	Exemplos	Autores de referência
Histórico-artístico	Tradução de atmosferas musicais em pintura, como nos retratos de Whistler que dialogam com o simbolismo e a música.	Farr (1974)
Estético-conceitual	Debussy, para além da música, ou seja, imagens plásticas em seu pensamento estético, com aproximação à pintura impressionista e ao simbolismo literário.	Barbosa (2009); Walsh (2018)
Interdisciplinaridade	O cinema como espaço de tradução da música de Debussy, antecipando práticas multimídia e interdisciplinares do século XX.	Smith (1973)
Atmosferas poéticas	Construção de imaginários noturnos que se aproximam da pintura simbólica e da literatura, ampliando a experiência estética.	Ștefanescu (2018)
Educação e criação	Projetos de música visual e práticas pedagógicas interdisciplinares que utilizam Debussy como inspiração para integrar som, cor e imagem.	Emanuel (2015)

Âmbito	Exemplos	Autores de referência
Diálogo entre compositores	Relações de Debussy com Delius e Vaughan Williams, mostrando como sua estética se insere em uma tradição mais ampla de integração entre artes.	Palmer (1969)

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O Quadro 5 evidencia que a aplicação prática da relação entre música e artes visuais se manifesta em múltiplos âmbitos, desde a análise histórica e estética até a criação contemporânea. Ao dialogar com a pintura impressionista, com o simbolismo literário e com o cinema, Debussy reafirma sua relevância como figura central na modernidade estética, consolidando-se como referência para pensar a arte como fenômeno integral, capaz de mobilizar múltiplos sentidos e de criar experiências que unem som e imagem em um mesmo horizonte sensível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da obra de Claude Debussy, especialmente dos Noturnos e das peças pianísticas, revela um universo estético que se constrói na interseção entre música, poesia e artes visuais. O percurso metodológico adotado permitiu identificar elementos musicais que evocam imagens, cores e atmosferas, confirmando a pertinência de pensar sua obra como tradução intersemiótica, ou seja, a transposição de uma mensagem ou obra de um sistema de signos para outro.

No Prelúdio nº 6 *Des pas sur la neige* (Passos sobre a neve), a nota de Debussy indica: ‘Ce rythme doit avoir valeur sonore d’un fond de paysage triste et glacé’ (Esse ritmo deve ter o valor sonoro de uma paisagem melancólica e gélida ao fundo) (Imagem 1) refere-se à expressão que o ritmo terá na obra e à relação com ‘pegadas num caminho congelado’.

Imagem 1 - Debussy, Prelúdio nº 6, livro 1, compassos 1-3.

34

Des pas sur la neige

Préludes I, No. 6

Claude Debussy (1909)

Triste et lent ♩ = 44 [♩ = 40]

pp *p* *expressif et douloureux* *più pp*

*Ce rythme doit avoir la valeur sonore d'un fond de paysage triste et glacé. *)*

Fonte: Schott Music GmbH & Co. KG, Maiz (2002).

Nos Noturnos, por exemplo, observam-se a dissolução das formas tradicionais e a valorização da sugestão, características que aproximam Debussy da pintura impressionista. A apropriação de Debussy de referências literárias e visuais para construir sua linguagem musical não significa que sua música tenha imagens preconcebidas, ou seja, descritivas, mas o ritmo fluido permite uma imaginação criadora para cada ouvinte. Debussy vai muito além e deixa suas próprias notas nas partituras.

Essa abertura interdisciplinar enfatiza a dimensão temporal e discursiva da obra e sua inserção na modernidade ao propor uma música que rompe com linearidades e se aproxima da fragmentação visual (Code, 2017). As peças pianísticas de Debussy confirmam essa tendência. A construção de imagens musicais que dialogam diretamente com o universo visual, transformando cada nota em cor e cada acorde em pincelada, reforça essa correspondência entre música e pintura, aproximando sua estética da paleta cromática de Monet (Walsh, 2018). Essa relação é particularmente evidente em obras como *Clair de Lune* (Claude Debussy, 1890), em que a música se torna atmosfera luminosa e evoca tonalidades que se transformam em paisagens sonoras.

Ștefanescu (2018), ao discutir o imaginário noturno, confirma que sua música pode ser compreendida como construção de atmosferas que se aproximam da pintura simbólica e da literatura, reforçando sua capacidade de traduzir em sons o universo das imagens. Contudo, Barbosa (2009) acrescenta que Debussy buscava ir ‘além da música’, ao evocar imagens plásticas em seu pensamento estético, o que abre espaço para pensar sua obra como inspiração para produções visuais contemporâneas.

Debussy não se limita ao campo musical, mas se abre para múltiplas formas de tradução e interpretação. Ou seja, a pintura também pode ser compreendida como tradução de atmosferas musicais, ampliando o campo de reflexão sobre a interdisciplinaridade (Farr, 1974), ou mesmo o diálogo entre pintura e som pode inspirar novas formas de criação artística, permitindo que a música seja traduzida em imagens e que a pintura seja compreendida como expressão sonora (Emanuel, 2015).

A discussão dos resultados evidencia que a obra de Debussy pode ser sintetizada em três dimensões principais: i) a poética, marcada pela evocação de atmosferas e imagens; ii) a interdisciplinar, que aproxima sua música das artes visuais e literárias; e iii) a modernista, que rompe com linearidades tradicionais e se abre para novas formas de expressão. Essas dimensões confirmam que Debussy não apenas compôs música, mas construiu um universo estético integral, no qual som, cor e imagem se entrelaçam.

A análise da obra de Debussy confirma sua singularidade estética, marcada pela evocação poética, pela abertura interdisciplinar e pela inserção na modernidade artística, com o rompimento dos padrões clássicos. Ao dialogar com a pintura impressionista de Monet, com o simbolismo literário e com o cinema, Debussy constrói um universo estético integral, no qual som, cor e imagem se entrelaçam. Essa síntese revela que sua obra não apenas rompeu com paradigmas musicais,

mas também se consolidou como fonte de inspiração para práticas artísticas e reflexões críticas sobre a tradução da música nas artes visuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema que orientou esta pesquisa foi compreender de que forma a música de Claude Debussy, marcada por sua dimensão poética e atmosférica, pode ser traduzida e reinterpretada nas artes visuais, revelando conexões entre som, cor e imagem. A questão central consistiu em investigar se a obra de Debussy, ao ultrapassar os limites da música tradicional, poderia ser compreendida como um fenômeno interdisciplinar capaz de dialogar com outras linguagens artísticas.

A obra de Debussy se configura como um universo estético integral, no qual música, pintura e literatura se entrelaçam. Seus Noturnos são marcados por dimensões que confirmam que Debussy não apenas compôs música, mas construiu paisagens sonoras que se transformam em cores e imagens.

A pesquisa concluiu, portanto, que Debussy representa um marco na modernidade artística, pois sua obra não se limita ao campo musical, mas se abre para múltiplas formas de tradução e interpretação. Ao dialogar com a pintura impressionista de Monet, com o simbolismo literário e com práticas interdisciplinares que se tornariam centrais no século XX, Debussy reafirma sua relevância como artista que concebeu a arte como fenômeno integral, capaz de mobilizar múltiplos sentidos e de criar experiências estéticas que transcendem fronteiras disciplinares.

A relevância deste estudo se manifesta com a compreensão da interdisciplinaridade na arte, oferecendo uma leitura crítica que integra música, pintura e literatura em um mesmo horizonte estético. Para as pessoas no contexto atual, marcado pela fragmentação e pela multiplicidade de estímulos, a pesquisa reafirma a importância da arte como espaço de encontro sensível, capaz de mobilizar múltiplos sentidos e de criar experiências que transcendem fronteiras disciplinares. No âmbito pedagógico, o estudo abre possibilidades para práticas educativas que valorizem a integração entre linguagens, estimulando a formação estética e crítica dos estudantes por meio de projetos interdisciplinares que unam música e artes visuais.

Reconhece-se, contudo, que a pesquisa apresenta limitações quanto ao recorte metodológico adotado, ao universo analisado e às condições de realização do estudo. Tais aspectos não invalidam os resultados, mas indicam a necessidade de novas investigações que aprofundem e ampliem as discussões aqui iniciadas. Diante do exposto, conclui-se que o trabalho alcança sua finalidade acadêmica ao responder ao problema de pesquisa e ao contribuir para o debate científico.

Apesar das contribuições alcançadas, esta revisão de literatura apresenta e justifica as recomendações de continuidade. Em primeiro lugar, a análise das convergências estéticas concentrou-se de maneira predominante na interlocução com a pintura (como no caso das pinturas de Claude Monet) e com o simbolismo

literário, omitindo um exame comparativo mais amplo com outros artistas visuais e vertentes da época.

Como continuidade, sugerem-se novas pesquisas que aprofundem a relação entre Debussy e outros pintores impressionistas além de Monet, ampliando o campo comparativo entre música e pintura. Também se recomenda investigar como a obra de Debussy pode ser reinterpretada em contextos contemporâneos, como instalações multimídia, performances interativas e ambientes digitais imersivos. Outra possibilidade é explorar a aplicação pedagógica da interdisciplinaridade debussyana em diferentes níveis de ensino, propondo metodologias que integrem música, artes visuais e literatura como forma de ampliar a sensibilidade estética e a criatividade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, S. H. 'Plus loin que la musique': evocaciones plásticas en el pensamiento estético de Claude Debussy. Quintana. **Revista de Estudos do Departamento de História da Arte**, n. 8, p. 135-145, 2009. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=65323979008>
- BYRNSIDE, R. L. **Musical impressionism: The early history of the term**. The Musical Quarterly, v. 66, n. 4, p. 522-537, 1980. <https://www.jstor.org/stable/741965>
- CODE, D. J. Debussy, Discourse, Time: Listening for "la modernité" in the Nocturnes. **The Musical Quarterly**, v. 100, n. 3-4, p. 340-398, 2017. <https://doi.org/10.1093/musqtl/gdy006>
- EMANUEL, A. M. **Paint and Sound: A Dialogue**. 2015.
- FARR, D. James McNeill Whistler: his links with poetry, music and symbolism. **Journal of the Royal Society of Arts**, 122(5213), 1974, pp. 267-284. <http://www.jstor.org/stable/41371238>
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILMAN, L. Claude Debussy, Poet and Dreamer. **The North American Review**, v. 183, n. 602, p. 877-886, 1906. <https://www.jstor.org/stable/25105685>
- JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. Editora Cultrix, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- PALMER, C. Delius, Vaughan Williams and Debussy. **Music & Letters**, v. 50, n. 4, p. 475-480, 1969. <https://www.jstor.org/stable/731682>
- ROBERTS, P. **Images: the piano music of Claude Debussy**. Hal Leonard Corporation, 2003.

SMITH, R. L. **Debussy and the Art of the Cinema**. Music & Letters, v. 54, n. 1, p. 61-70, 1973. <https://www.jstor.org/stable/734170>

STEFANESCU, V. L'imaginaire nocturne et les spécificités d'une musique nocturne. **Limba și Literatură–Repere Identitare în Context European**, n. 22, 2018, p. 300-308. ISSN 2344-4894

THOMPSON, A. **Anglophone artistic contributions to the complex genesis of Debussy's Nocturnes**. The Musical Times, v. 165, n. 1968, p. 31-44, 2024. <https://www.jstor.org/stable/27326744>

WALSH, S. **Debussy: A painter in sound**. Faber & Faber, 2018.

XIONG, N. D. T.; DING, T.; LONG, L. **Synthetic Senses: Synaesthesia and its role in art development—a study of music visualization in art**. In: Actas V Congreso Internacional de Sinestesia: Ciencia y Arte, impresas en España-Unión Europea. 2015. p. 125-135.